

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**CAMILA COSTA FREITAS**

**DO SERTÃO AO MUSEU: A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO  
ESTRATÉGIA DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA DOS VAQUEIROS**

Artigo apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a): Prof. Dra. Laiana Ferreira de Sousa Dantas

Aprovado em 31/07/2025.

Banca examinadora:

Prof(a) Dra. Laiana Ferreira de Sousa Dantas (orientador)  
Universidade Federal do Ceará

Prof.(a) Luiz Tadeu Feitosa (membro)  
Universidade Federal do Ceará

Ma. Hanna Sandy de Oliveira (membro)  
Universidade Estadual Paulista - Unesp Marília

Fortaleza  
2025

---



## RESUMO

Este artigo apresenta uma análise, à luz das dimensões da mediação da informação propostas por Gomes (2014), para verificar de que maneira os elementos culturais presentes na exposição Vaqueiros, do Museu da Cultura Cearense (MCC), contribuem para a construção de sentidos informacionais e para a valorização e preservação da tradição cultural dos Vaqueiros do Ceará. Esta pesquisa se debruça sobre o estudo de caso da exposição Vaqueiros com o objetivo de compreender a exposição museal como dispositivo de mediação informacional. Para isso, está fundamentada em uma abordagem qualitativa-descritiva, com base na observação da exposição, no referencial teórico acerca de mediação da informação e em pesquisa documental como metodologia de pesquisa. As cinco dimensões (dialógica, estética, formativa, ética e política), permitiram compreender como a mediação atua no estímulo à experiência profunda dos visitantes, transformando a exposição em um espaço de encontro entre a cultura sertaneja e os mais variados públicos. Ao final, nas considerações, foi destacado a importância das ações educativas promovidas pelo MCC, tomando como exemplo o encontro com a Mestra Dina Vaqueira com alguns estudantes do ensino básico, para evidenciar como esse tipo de atividade dinamiza a exposição e reforça sua relevância na construção da identidade cearense.

Palavras-chave: mediação da informação; vaqueiros; museologia social; exposição.

## ABSTRACT

This article presents an analysis, in light of the dimensions of information mediation proposed by Gomes (2014), to examine how the cultural elements present in the Vaqueiros exhibition, at the Museu da Cultura Cearense (MCC), contribute to the construction of informational meanings and to the appreciation and preservation of the cultural tradition of the Vaqueiros of Ceará. This research focuses on the case study of the Vaqueiros exhibition with the aim of understanding the museum exhibition as a device of informational mediation. To this end, it is based on a qualitative-descriptive approach, grounded in the observation of the exhibition, the theoretical framework on information mediation, and documentary research as a research methodology. The five dimensions (dialogical, aesthetic, formative, ethical, and political) enabled an understanding of how mediation fosters deep visitor experiences, transforming the exhibition into a space of encounter between sertanejo culture and a wide range of audiences. In the final considerations, the importance of the educational activities promoted by the MCC is highlighted, taking as an example the meeting between Mestra Dina Vaqueira and elementary school students, to show how this type of activity enhances the exhibition and reinforces its relevance in the construction of Ceará's cultural identity.

Keywords: information mediation; vaqueiros; social museology; exhibition.



## 1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia e a Ciência da Informação, através de sua interdisciplinariedade, procuram compreender e explicar os aspectos sociais manifestados em diversas Unidades de Informação (UI), uma delas são os museus. Para explorar um pouco mais sobre essa dimensão da Biblioteconomia, esta pesquisa pretende investigar a construção narrativa da exposição de longa duração Vaqueiros do Museu da Cultura Cearense (MCC), localizado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza.

O interesse por explorar este objeto se deu após algumas visitas à exposição como espectadora. À primeira vista, tudo ali mexeu muito comigo, sobretudo pela identificação que senti com as obras e os cenários expostos naquele espaço. Sentimentos como saudosismo, melancolia, orgulho e pertencimento se misturavam, ao mesmo tempo em que sentia um certo estranhamento por ver todos aqueles cenários deslocados do ambiente que, para mim, seria o incomum de encontrá-los.

Logo na entrada da exposição há um texto de apresentação e contextualização do vaqueiro, identificado, imediatamente no título, como “o cearense primordial”. A expressão me levou a questionar: por que cearense primordial? Quais são as características dessa representação? Qual a relação e contribuição do vaqueiro para a construção da cearensidade?

A figura do vaqueiro é central no imaginário do ser nordestino, sobretudo o cearense, pois, pelos elementos característicos atribuídos a esse indivíduo, é possível estabelecer identificação entre a população dessa região, pelos simbolismos criados ou imaginados. Entenderemos, a partir da análise narrativa da exposição Vaqueiros, cuja premissa informa que se pretende conservar a memória da classe, como se estabelecem as mediações entre exposição e visitante.

Temas que envolvem a diversidade da cultura nordestina despertam meu interesse de pesquisa há algum tempo. Desde que percebi que minha origem rural me diferenciava em alguns aspectos dos costumes das pessoas que convivo na capital. Sou originária de uma pequena comunidade rural no histórico município de Aquiraz, que, embora geograficamente faça parte da região metropolitana de Fortaleza, preserva hábitos e costumes tipicamente interioranos.



Quando visitei pela primeira vez a exposição ainda não era estudante de Biblioteconomia, de modo que lembro de ter ficado surpresa, pois não imaginava encontrar aqueles itens que fizeram parte da minha vivência ali, em uma exposição museal. Pois não imaginava um caçuaú, o qual tantas vezes vi passando cheios de mandioca em cima dos burrinhos a caminho da casa de farinha e, quando vazios no chão, virara um divertido carro de corrida para mim e meu primos; ou fogão à lenha e a casinha de taipa dos meus avós como obras de visitação de museu.

Após cursar a disciplina de Cultura e Mídia, lembrei-me da exposição e me veio o estalo para esta pesquisa. Tornei a visitá-la, agora com a intensão de lançar meu olhar de pesquisadora que busca compreender um determinado evento social. Nesse sentido, a questão que norteia este trabalho: De que maneira a exposição "Vaqueiros" do Museu da Cultura Cearense, ao construir narrativas museológicas sobre a figura do vaqueiro, atua na mediação da informação para a construção de sentidos informacionais, valorização, preservação e circulação da tradição cultural, à luz das dimensões propostas por Gomes (2014)?

Portanto, nosso objetivo geral é: analisar, à luz das dimensões da mediação da informação propostas por Gomes (2014), como os elementos culturais presentes na exposição "Vaqueiros", do Museu da Cultura Cearense, atuam na construção de sentidos informacionais e contribuem para a valorização, preservação e circulação da tradição cultural dos vaqueiros no espaço museal.

Para chegarmos ao objetivo geral da pesquisa mencionado acima, traçaremos um percurso metodológico guiado pelos seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar as dimensões da mediação da informação propostas por Gomes (2014) e suas possíveis aplicações no contexto museológico;
- b) Mapear e descrever os elementos culturais presentes na exposição "Vaqueiros", considerando os recursos expositivos, narrativas e representações utilizadas;
- c) Analisar de que forma esses elementos culturais atuam como mediadores na construção de sentidos informacionais para o público visitante e



- d) Investigar como a exposição contribui para a valorização, preservação e circulação da tradição cultural dos vaqueiros no espaço museal, à luz das dimensões da mediação da informação.

É necessário, portanto, compreender como se deu, historicamente, a construção da identidade sertaneja do Ceará e de que forma essa figura contribui para a constituição de uma identidade cultural nordestina. Particularmente, importa analisar como a mediação cultural da exposição *Vaqueiros* explora as simbologias e narrativas em torno dessa figura marcadamente regional.

Será abordada a complexidade da disposição dos itens da exposição sob um dos conceitos norteadores da Biblioteconomia que é o conceito de mediação que, conforme descreve Lipinski e Cavalcante (2022), consiste em “uma ação de construção de sentidos, em que os objetos de informação são objetos de mediação e estão carregados de sentido”. E é justamente sobre esses sentidos que pretendemos questionar: como a mediação da informação na exposição possibilita a preservação e transmissão da tradição cultural dos vaqueiros?

Nesse sentido, objetivando situar os diversos funcionamentos das “complexas mediações” Feitosa (2016) contribui diretamente para este referencial, pois, além de refletir sobre mediação cultural através do conceito antropológico de cultura, necessária para entender de que maneira se dá a mediação informacional; analisar como os processos informacionais se caracterizam e as bases teóricas que os sustentam, ele foi decisivo para a escolha do tema deste trabalho.

Quanto a metodologia, esta pesquisa irá se apropriar da análise qualitativa-descritiva, utilizando-se dos métodos de estudo de caso e pesquisa documental para alcançar os objetivos deste artigo, além da revisão de literatura dos principais autores que trabalham com os conceitos já citados anteriormente ao qual esta pesquisa se dedica.

E finalmente, após nos debruçarmos sobre todo esse percurso de pesquisa, chegaremos à análise propriamente das peças, textos e cenários em evidência da exposição. Nesta etapa, observaremos a construção narrativa dos objetos e recursos sensoriais, as referências utilizadas, o trajeto em que a exposição conduz o visitante e como se dão as mediações entre exposição e público.

---

## **2 O VAQUEIRO COMO “CEARENSE PRIMORDIAL”: IDENTIDADE E CEARENIDADE**

Neste tópico a pretensão é abordar as nuances do simbolismo em torno do vaqueiro para a cultura cearense. Este capítulo está dividido em duas partes, a primeira aborda, historicamente, como se desenvolveu essa atividade econômica no estado, em que contexto ela se desenvolveu e como foi consolidada. Os desafios do manejo do gado, o clima árido, as condições adversas não apenas moldaram a paisagem e a cultura local, mas também evidenciaram as fragilidades estruturais do surgimento dessa nova atividade econômica na colônia brasileira.

Na segunda parte “de trabalhador rural a símbolo cultural: ressignificações da figura do vaqueiro” é apresentado como se deu a apropriação dessa figura por parte das artes, música e literatura para que ela se constituísse como parte da identidade de uma região inteira. Nesse sentido, traçaremos um percurso de pesquisa afim de compreender como o vaqueiro que, inicialmente era uma figura associada apenas ao cotidiano econômico do sertão, foi ressignificado como símbolo cultural e de resistência nordestina. Nesse percurso histórico, busca-se compreender como os elementos simbólicos associados ao vaqueiro foram apropriados para evidenciar valores como coragem, resiliência e pertencimento.

Essas discussões estão frequentemente interligadas aos conceitos de identidade e representação, evidenciando como esses temas se cruzam e destacando a importância da representação na formação identitária e na definição das diferenças. Com isso, busca-se aprofundar a compreensão sobre como a significação em torno do vaqueiro molda a identidade coletiva cearense e nordestina.

Como base para este momento da argumentação sobre identidade, serão utilizados os textos de Tomaz Tadeu da Silva – “Identidade e Diferença” e Stuart Hall – “Quem precisa da identidade?”. Ambos os autores abordam a construção das identidades, enfatizando que estas não são inerentes ou naturais, mas formadas a partir de contextos históricos e discursivos específicos. Nesse diálogo compreende-se como as identidades surgem por meio de estratégias de poder e são marcadas pela diferença e marginalização.

### **2.1 Os vaqueiros na história do Ceará**

---



Estudar os vaqueiros na história do Ceará significa se debruçar sobre o processo de colonização no estado, explorando as conexões entre a pecuária e as outras atividades econômicas executadas naquele período. As principais práticas sociais e mercadológicas e o envolvimento dessa figura no processo de fortalecimento e expansão da colonização no interior.

A profissão de vaqueiro surgiu junto com a chegada dos primeiros rebanhos trazidos pelos colonizadores. Nunes (2018, p. 88) nos lembra que a Coroa Portuguesa estabeleceu aqui uma colônia puramente de exploração, com propósitos de extrair riquezas para enriquecimento da Metrópole. As expedições de entradas tinham, inicialmente, o objetivo de buscar metais preciosos, porém, com o fracasso das expedições em busca de ouro e a decadência da extração do pau-brasil, foi a agricultura que tornou-se a alternativa para a ocupação do território brasileiro, pois o cultivo de lavouras, além de representar uma atividade lucrativa para os residentes da colônia, também fortaleceria a presença portuguesa no território brasileiro.

A colonização dos sertões ocorreu fundamentalmente pela estratégia de doação de terras. Conforme Rolim (2012), essa dinâmica se caracterizava por dois principais aspectos: o primeiro se dava pela administração régia, que incentivava a distribuição de terras pelos governadores e capitães-mores e segundo os colonizadores viam nessa posse um meio de consolidar seu poder local, seja por arrendamentos ou pelo uso de absenteísmo como forma essencial de ocupação.

Enquanto as terras litorâneas da Zona da Mata eram mais favoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar, o sertão, por sua aridez, não conseguiria seguir esse mesmo modelo econômico. A vegetação local só se tornava verde durante o período chuvoso, o que inviabilizava a produção agrícola em larga escala. Dessa maneira, a pecuária transformava-se na principal atividade econômica da região, levando à formação de uma “sociedade sertaneja” distinta, baseada no pastoreio. (ROLIM, 2012, p. 14)

Airton de Farias (2015) apresenta uma análise detalhada sobre o processo de expansão da pecuária nos sertões nordestinos, em especial no Ceará, desde o período colonial. A pecuária, que inicialmente era uma atividade complementar nos engenhos de



açúcar da Zona da Mata, precisou mover-se para o interior, motivado pelos conflitos de interesse com a lavoura canavieira que surgiram

com o posterior aumento do número de rebanhos, ocupando terras necessárias para a lavoura açucareira, e mesmo os prejuízos que os animais davam ao adentrar e destruir os canaviais, passou-se a conduzir o gado para o interior da atual região nordeste, possibilitando a conquista do território, particularmente dos sertões cearenses. (FARIAS, 2015, p. 32)

A exploração dos sertões, ainda conforme Farias (2015), se deu a partir da segunda metade do século XVII, especialmente no começo do século seguinte. A introdução dos rebanhos de gado pelos colonizadores europeus, transformou não apenas a economia, mas também a geografia humana e cultural do sertão cearense. O processo de interiorização do gado se apresentou como um condutor de colonização e conquista, acarretando impactos duradouros na configuração socioeconômica da região. Os vaqueiros, neste cenário eram, portanto, os principais agentes do avanço colonizador pela pecuária no sertão.

A expansão da pecuária possibilitou uma primeira separação geoeconômica no nordeste brasileiro. Enquanto a atividade açucareira desenvolveu-se no próximo e rico litoral da Zona da Mata, ao criatório restou o longínquo e pobre sertão (FARIAS, 2015, p. 33-34)

Nesse sentido, Rolim (2012) vem destacar também que a relação que se estabelecia entre a pecuária e a economia açucareira funcionava como uma espécie de suporte, especialmente no fornecimento de alimentos. Pois, nesse momento, a economia canavieira era a principal atividade econômica do Brasil colonial, principalmente nas regiões de Pernambuco e Bahia lugares onde o clima era ideal para o cultivo de cana-de-açúcar.

Se a pecuária, nesse contexto, tinha uma função complementar de fornecer carne, leite e força de tração para os engenhos de açúcar, com o aumento dos rebanhos, tornou-se decisivo deslocar essa atividade para o interior do território. Além disso, os conflitos de terra e a necessidade de pastagens impuseram a necessidade da interiorização, dessa forma, “a pecuária ia moldando as relações sociais nos sertões, fazendo com que se formassem redes de compadrio onde o aproveitamento dos melhores pastos era feito por gados de diferentes donos...” (ROLIM, 2012, p. 52)

Desde então, os trabalhadores do gado, os vaqueiros, se tornaram figuras centrais nesse processo, pois desempenhavam um papel crucial. Eram eles que conduziam e



protegiam os rebanhos, enfrentando as adversidades do clima e do terreno, enquanto que “os proprietários não residiam em suas terras nos sertões; moravam na Zona da Mata[...] e, obtendo as sesmarias nos sertões, mandavam vaqueiros cuidar das terras e do gado.” (FARIAS, 2015, p. 36)

Nesse movimento, os vaqueiros exerciam função central na estrutura das fazendas, atuando como gerentes ou capatazes responsáveis pela supervisão das atividades diárias. Essa posição de liderança os distinguia dos ajudantes, que ocupavam as funções voltadas ao trabalho braçal. Os vaqueiros não apenas organizavam o trabalho, mas também simbolizavam uma figura de comando indispensável para o funcionamento das propriedades. Essa dinâmica reflete não apenas uma divisão funcional, mas também aspectos sociais e econômicos das fazendas.

Apesar das adversidades do terreno e as dificuldades do clima árido,

a conquista dos sertões cearenses foi relativamente rápida. Após os 30 primeiros anos do século XVIII, já eram amplas as áreas apropriadas pelos colonos. [...] Os rebanhos em pouco multiplicaram-se nos sertões, embora a qualidade dos mesmos não fosse das melhores, daí a baixa rentabilidade da atividade. (FARIAS, 2015, p. 36-37)

Então, durante os primeiros séculos de ocupação, aos poucos, a pecuária foi se tornando a principal atividade econômica do sertão. Esse comércio era impulsionado principalmente pelo couro por sua grande demanda tanto interna quanto externa, pois era muito utilizado na confecção de utensílios essenciais para a vida no sertão como roupas, selas, arreios e outros.

A sociedade cearense do final do século XIX e o início do seguinte assistiu a muitas transformações, tais como a ocupação do interior se estruturando e o aumento da população sertaneja. Neves (2015), destaca as dificuldades que o clima semiárido impõe “para o estabelecimento de unidades econômicas permanentes.” O autor considera que as atividades pecuárias no Ceará estão diretamente relacionadas às questões climáticas da região.

O cenário semiárido e de seca ajudaram a elaborar o desenvolvimento das atividades econômicas “o estado do Ceará encontra-se quase todo no interior do espaço que se costuma denominar de ‘Polígono das Secas’” Neves (2015). A criação do gado no sertão não exigia grandes investimentos, pois o bioma da caatinga fornecia pasto natural.



Portanto, cabia aos vaqueiros conduzirem os animais à procura de água e alimento, em uma região marcada pelas secas cíclicas.

até meados do século XIX, contudo, a irregularidade de chuvas que caracteriza o sertão não havia significado um problema tão grande para os setores dominantes. Pelo menos, as cidades e as instituições modernas do poder, estruturadas neste mesmo período, estavam a salvo das agruras da seca. (NEVES, 2015, p. 77)

Nesse sistema, os vaqueiros mantinham, então, uma relação com características de “laços paternalistas” com os senhores donos das terras. A eles era permitido manter uma pequena plantação de subsistência e a cultivar algumas rezes junto com o gado do dono da terra, em troca de lealdade e servidão. Em época de estiagem eles teriam que se descolar com o gado em busca de pasto e água, enquanto sua família permanecia, com esperança de retorno.

Vale ressaltar que, de acordo com Rolim (2012), nesse período, o vaqueiro era homem livre, e usufruía de certo prestígio e autoridade dentro das fazendas. Sua posição hierárquica o distinguia dos demais trabalhadores, estes sim eram os escravos ou os “homens de confiança”, também designados com “cabras”, os quais ocupavam uma posição subalterna e não tinham contato direto com os proprietários. E, embora hoje entendamos o termo “vaqueiro” como uma generalização para qualquer trabalhador que lide com gado dentro da caatinga, no período colonial havia uma distinção clara entre ele e os demais trabalhadores.

Nesse sentido, Farias (2015) lança luz para outro aspecto dessa figura, hoje tão emblemática na cultura, de que, apesar do serviço árduo imposto pela dificuldade da vida sertaneja:

Projetou-se, em uma historiografia ainda romântica, uma visão idealizada do vaqueiro, enaltecendo sua coragem e dedicação ao trabalho e apresentando-o com um verdadeiro herói do desbravamento dos sertões[...]. Construiu-se a imagem de um personagem heroico no imaginário popular brasileiro, a pastorear o gado na caatinga cheia de espinhos, montado em cavalos escolhidos, com esporas aos pés e chicote na mão, usando gibão, chapéu, peitoral, calças, luvas e alpercatas, tudo em couro curtido. (FARIAS, 2015, p. 38)

Portanto, compreendemos que, para além de cuidar do rebanho, o vaqueiro atuava como uma espécie de supervisor das atividades dos demais trabalhadores, distribuindo tarefas e garantindo o cumprimento das ordens do proprietário. Sua posição o colocava



como mais um instrumento de manutenção da ordem e submissão dentro da fazenda. O que acabava construindo uma contradição nesse sistema agrário.

Pois, por mais que sua posição lhe conferisse alguma autoridade, o vaqueiro não passava de uma peça intermediária dentro dessa estrutura desigual e rígida. Embora incumbido de administrar as tarefas e garantir o cumprimento das ordens do proprietário, ele próprio estava submetido às mesmas condições precárias dos demais trabalhadores e sua sobrevivência dependia do êxito da criação do gado, que por sua vez estava submetido às mesmas intempéries do ambiente.

A construção dessa imagem idealizada e romantizada do vaqueiro como um herói das terras do Ceará, e do Nordeste como um todo, é perpetuada na cultura popular e nas artes. Ela contribui para a construção de uma identidade coletiva que valoriza a bravura, a resistência e a determinação frente às adversidades. No entanto, é importante saber que essa representação também é carregada de discursos e intencionalidades que podem ocultar alguns aspectos complexos nas relações sociais e econômicas que marcaram a história do vaqueiro e dos sertões cearenses.

## **2.2 De trabalhador rural a símbolo cultural: ressignificações da figura do vaqueiro**

Com o passar do tempo, o vaqueiro deixou de ser somente um elemento da economia pecuarista e passou a ocupar um lugar de destaque no imaginário social e cultural do Nordeste e, principalmente do Ceará. A literatura, a música, e as artes visuais passaram a retratar o vaqueiro como uma figura emblemática do Ceará e do Nordeste.

Um exemplo da representação do vaqueiro nas artes é as músicas "vida de vaqueiro" e "a morte do vaqueiro", ambas de Luiz Gonzaga, que fala do modo de vida do vaqueiro de forma lírica e romântica. Mas esta é somente um exemplo das diversas outras obras que retratam e fazem alusão a este ser quase mitológico. Essa celebração do vaqueiro em canções, poemas e narrativas folclóricas, simbolizando a bravura do povo nordestino ajudam a criar uma identidade coletiva que valoriza características como bravura e resiliência.

A representação, no contexto de criação de identidade, refere-se ao processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados dentro de uma cultura. Isso inclui a



maneira como as pessoas, os grupos e os eventos são descritos e compreendidos através de discursos e narrativas (SILVA, 2014). Silva fala ainda que, a identidade não deve ser entendida como algo isolado, longe disso, ela é sempre construída em relação à diferença, dentro de um contexto específico. Isso significa que não apenas nos identificamos a partir do que somos, mas também do que não somos, em contraste com o outro.

Inclusive, Hall (2014, p. 109) percebe essas identidades emergirem a partir de estratégias específicas de poder e as considera um produto das relações de diferença e exclusão. Nesse processo, o discurso desempenha um papel central, pois é que as categorias de pertencimento e exclusão são estabelecidas. Assim, as identidades são “mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que do signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída”.

Para Pordeus Júnior (2003)<sup>1</sup>, a identidade cultural do Ceará, a tida cearensidade, se desdobra a partir de ícones como, o vaqueiro, o jangadeiro, a rendeira e o retirante. Eles carregam consigo as características e os valores capazes de produzir nos demais indivíduos os sentimentos de pertença e identificação, cada qual à sua maneira, através da demonstração de bravura, altruísmo e resignação relacionada à vivência no hostil sertão.

Nesse sentido, o autor elenca alguns elementos que ajudam a compor a cearensidade, que, no caso, são os traços de diferenciação do Ceará em relação aos demais estados do Nordeste. Além das quatro figuras pilares representativos citados acima, há outros elementos que ajudam a compor a cearensidade, podemos destacar o título de “terra da luz” por ter sido a primeira província brasileira a abolir a escravidão, o poeta Patativa do Assaré

Ao destacar essas quatro figuras basilares da cearensidade, em seguida, o autor evidencia a exaltação ao vaqueiro na poesia de Juvenal Galeno<sup>2</sup> que aqui consideramos como sendo mais um dos recursos que contribuem para a construção de uma identidade

---

<sup>1</sup> PORDEUS JÚNIOR, Ismael de Andrade. Cearensidade. In: CARVALHO, Gilmar de (org.). **Bonito pra chover:** ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003

<sup>2</sup> Juvenal Galeno foi um importante escritor romancista do Ceará, nasceu em 1836 em Fortaleza. Filho de abastados agricultores cafeeiros da Serra de Aratanha em Pacatuba. Foi contemporâneo de Machado de Assis, e se conheceram quando Galeno foi ao Rio de Janeiro, a mando de seu pai, para aprender conhecimento técnicos do plantio de café. “A poesia de Juvenal Galeno reflete toda a psicologia da alma da gente humilde, digo da alma da população do nordeste em todas as modalidades do seu sentir, nos seus lances heroicos, infelizes ou gloriosos.” Ver em: SECRETARIA DA CULTURA DO CEARÁ. **Biografia Juvenal Galeno.** Secult Ceará, 03 jan. 2013. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2013/01/03/biografia-juvenal-galeno/>. Acesso em: 28 jan. 2025.



cultural no Ceará, onde a figura do vaqueiro vai sendo apropriada pelas artes e é celebrada por sua resiliência e bravura.

Se é tempo de seca, que longas fadigas,  
Abrindo as cacimbas para o gado beber!  
As ramas cortando, que a rês me súplica  
Num berro mais triste que o triste gemer!  
A vida qu'eu levo,  
Ouvi-me dizer.<sup>3</sup>

No tópico anterior, Neves (2015) fundamenta que as irregularidades de chuva no sertão sempre existiram, mas, até meados do século XIX, ainda não eram percebidas como um problema relevante, ao menos não pelos setores dominantes da época. Esse contexto histórico casa com a tese de Albuquerque Júnior (2021) de que a ideia de Nordeste foi alicerçada, principalmente, sobre a questão da seca. É justamente esses setores dominantes em decadência que, no início do século XX, se utilizam desse argumento para garantir repasse de recursos federais para a região.

Para o autor, o Nordeste foi concebido em um momento que a região Sul vai estabelecendo um alto fluxo de investimentos e um grande desenvolvimento comercial, enquanto o Nordeste vai perdendo movimento de capital e sofre com a desvalorização de seus produtos no mercado, em especial a produção de açúcar. Nesse sentido, podemos constatar que a nordestinidade começou a ser construída a partir da perspectiva burguesa em decadência que, para atrair os olhares do governo para a região, designou um Nordeste como um todo precário, de difícil sobrevivência e que a sina de seu povo é a migração. Sob a tentativa de diferenciar-se do Sul do país.

Na perspectiva das artes, retratar a imagem sofrida da região, os homens castigados, mas que são fortes, serve de inspiração para expressar a bravura coletiva daqueles que se identificam através desses signos. O trabalho, evidenciado na figura do vaqueiro, exalta sua força na interação com a natureza local e informa a imagem do herói sertanejo. O vaqueiro, sendo assim, um dos principais pilares para a construção dessa cearensidade, empresta também seus símbolos para formar o ser Nordestino.

---

<sup>3</sup> GALENO, Juvenal. **Lendas e canções populares**. 5. ed. Organizado por Raymundo Netto. Fortaleza: Secult, 2010, p. 83. (Coleção Nossa Cultura). ISBN 978-85-7563-622-0.



### 3 MEDIAÇÃO CULTURAL E INFORMACIONAL: BASES CONCEITUAIS

Diante do percurso histórico traçado para compreender as simbologias e significações do personagem vaqueiro e sua importância na formação da identidade cultural do povo cearense, propõem-se, a partir deste ponto, reflexões sobre como tais elementos vêm sendo comunicados no Museu da Cultura Cearense (MCC).

Para tal, os conceitos de mediação cultural e informacional serão essenciais para fundamentarmos nossa análise, pois, será por meio deles que construiremos uma chave interpretativa para compreender de que maneira a exposição atua ao comunicar-se com o público na construção de sentidos e na valorização da memória coletiva em torno do vaqueiro.

Parte-se do entendimento de que a mediação, conforme Nascimento (2024), age como um facilitador e promove aproximação entre o sujeito e a informação. Além disso, refere-se ao processo de operar como intermediário entre duas partes. Nesse sentido, a mediação informacional, na perspectiva de Nascimento (2024), visa um processo que garanta o acesso, a apropriação e o uso significativo da informação por parte dos sujeitos.

A Ciência da Informação, há bastante tempo, vem discutindo a respeito da complexidade conceitual e natureza multifacetada da mediação. Na discussão a respeito deste conceito na dissertação de Nascimento (2024), a autora recorre a uma gama de autores para basear sua análise aplicando-a em uma Biblioteca comunitária, um dos autores é Almeida Júnior (2009), evidenciando que a mediação informacional, pode se dar de forma direta ou indireta, consciente ou inconsciente, em contextos individuais ou coletivos.

A autora também enfatiza, ainda com base em Almeida Júnior, que a mediação da informação está fundamentada na apropriação e na interferência entre usuários, profissionais da informação, produtores e os meios informacionais, constituindo-se como um processo dinâmico, cuja maneira como se estabelece transcende a simples transmissão de conteúdos, assumindo o papel de ponte interpretativa e estratégica entre sujeitos e informação. Assim,

os processos de mediação não se limitam apenas a fornecer informações ou conduzir atividades culturais de maneira técnica, mas também devem levar em conta as experiências individuais, as percepções e os contextos socioculturais dos participantes envolvidos. (NASCIMENTO, 2024, p. 21)



Desse modo, concordamos que, diversos fatores podem moldar a experiência dos indivíduos, visto que os processos de construção de significado ocorrem de maneira colaborativa, sustentados tanto por práticas comunicacionais quanto por mecanismos de transmissão cultural, como é o caso de uma exposição museológica cuja temática é bem delimitada, o que facilita a identificação do público com o que se está sendo apresentado.

É por meio dessas interações que os sujeitos constroem significados e estabelecem vínculos com o mundo e com o outro, como bem destaca Gomes (2014):

Toda experiência humana é dependente das práticas de comunicação, como também da transmissão cultural, que constituem o locus da mediação, envolvendo um processo de compartilhamentos objetivo e intersubjetivo por meio dos quais os sujeitos envolvidos nesse compartilhamento sempre geram significações. (GOMES, 2014, p. 3)

Além disso, este trabalho enxerga o mesmo viés da perspectiva de (SILVA e CAVALCANTE, 2023) que sugere expandir a compreensão da “mediação da informação” para uma ótica de “Mediação Cultural da Informação”, visto que, a mediação só se efetiva porque está “inserida em um contexto sociocultural, político e histórico.”

Correspondente à prática mediacional, Henriette Gomes conceituou em cinco dimensões esse processo de interação humana, são elas: dialógica, estética, formativa, ética e política. Dimensões estas que podem estar presentes “tanto nas ações voltadas à formação do mediador, quanto nas ações de mediação da informação, contribuindo com o processo de construção de compreensão, interpretação e apropriação da informação.” (JESUS; GOMES, 2021, p. 3)

Como será por meio dessas dimensões que analisaremos como os elementos culturais presentes na exposição “vaqueiros”, do MCC, atuam na construção de sentidos informacionais, o quadro a seguir mostra de forma objetiva os conceitos de cada dimensão, permitindo identificar as distinções entre elas e o modo como estão relacionadas.

Quadro 1 - Dimensões da Mediação da informação

DIMENSÃO	CONCEITO
----------	----------

DIALÓGICA	<p>“Na intensificação consciente da dimensão dialógica, os sujeitos têm a possibilidade de se desvelarem mutuamente, refletindo com outro no encontro com a informação, onde o espaço crítico se fortalece em uma ambiência respeitosa e geradora do conforto necessário à manifestação e interpelação de todos.”</p>
ESTÉTICA	<p>“[...] instância em que o sujeito pode ter acionada a sua ZDP (zona de desenvolvimento proximal), experimentando certa desestabilização do seu arcabouço de conhecimentos. Se por um lado, nessa instância o sujeito se desestabiliza, por outro ele tem a possibilidade de, a partir da dialogia e do processo de problematização, reconstruir esse arcabouço, alargando sua compreensão, o que é gerador do prazer estético da criação e da sua própria recriação enquanto sujeito.”</p> <p>“[...] consiste na construção de uma ambiência de acolhimento e de conforto emocional para que todos possam sentir-se livres para pensar, interpelar, questionar e exercer a crítica no encontro com a informação. Para tanto, a mediação consciente busca trabalhar com a articulação de linguagens e dispositivos que sustentem a dialogia”</p>
FORMATIVA	<p>“A formatividade representa uma condição ligada à experiência. Toda formação se dá na interação com outros e com o meio, onde a mediação cumpre o papel de promotora de uma interação a partir da qual debate e a problematização contribuem com o processo de apropriação que alterará o estágio intelectual, cognitivo e afetivo do sujeito. (Pareyson, 1993)”.</p>
ÉTICA	<p>“A dimensão ética da mediação da informação se revela com maior intensidade quando se constata a sua ligação com o movimento e a vida dos sujeitos que necessitam de informação e precisam sentir-se acolhidos para desenvolver um sentimento de pertença ao ambiente informacional”.</p>
POLÍTICA	<p>“Ao alcançar a sua dimensão política, a mediação da informação proporciona condições à tomada de consciência por parte de todos que fazem acontecer essa ação, uma consciência da condição de sujeitos políticos que, ao abandonarem a</p>



máscara da neutralidade, acabam assumindo a condição de protagonistas sociais e o compromisso com a construção do processo humanizador do mundo”.

“A dimensão política da mediação da informação contribui para a uma sociedade ativa na construção humanizadora do mundo porque, ao ser alcançada, ela impulsiona a adoção da luta pelo respeito à alteridade, pelo fundamento democrático do livre pensar, pelo combate à desinformação e às informações falsas, pela resistência quanto à redução do espaço crítico e da ação e pelo fortalecimento da justiça e inclusão social, como fundamentais à existência humana, ao cuidado com o outro, com o meio e com o projeto civilizatório”.

Fonte: Elaborado por Nascimento (2024), baseado em Gomes (2020).

A dimensão dialógica destaca a importância do encontro respeitoso e reflexivo entre os sujeitos mediados pela informação e o objeto mediador, promovendo o fortalecimento do espaço crítico. A dimensão estética, por sua vez, sugere que, o contato com a informação pode provocar deslocamentos e reconstruções cognitivas, causando uma transformação subjetiva por meio do desconforto e do prazer do aprendizado. A formativa destaca o papel da mediação como experiência capaz de contribuir para o desenvolvimento intelectual, afetivo e social dos sujeitos. A dimensão ética reconhece os sujeitos como centrais no processo de mediação comprometendo-se com o acolhimento e o pertencimento do indivíduo. Já a dimensão política preocupa-se com a conscientização crítica, com a valorização da alteridade e justiça social.

Além do âmbito da mediação da informação, este trabalho é atravessado também e, principalmente, pelo âmbito da mediação cultural. Para compreendermos mais a fundo, é necessário retomarmos o próprio conceito de cultura, amplamente estudado e divulgado ao longo do tempo por diferentes autores e correntes teóricas que contribuíram e continuam a contribuir para a disseminação de sua compreensão.

Na raiz da significação do termo cultura, Eagleton (2011) vem esmiuçar que “o conceito de cultura, etimologicamente falando, é um conceito derivado do de natureza. Um de seus significados originais é ‘lavoura’ ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo do que cresce naturalmente” (EAGLETON, 2011, p. 9), nesse sentido, cultura é o que se é aprendido, e cultivado no manejo da terra. No entanto, nos interessa aqui compreendermos o conceito



à luz das ciências humanas abrangendo as práticas simbólicas de saberes, normas, crenças e valores que caracterizam as sociedades.

Para melhor elucidar a compreensão, Ramos (2007), apresenta as dimensões da antropologia e sociologia para entendermos as diferenças de perspectiva em torno do conceito de cultura, segundo ela “a dimensão antropológica entende a cultura como tudo o que o ser humano produz e elabora na vida em comunidade, tanto do ponto de vista material quanto simbólico” (RAMOS, 2007, p. 56). Ou seja, o sentido de cultura, nessa perspectiva é ampliado, para além do entendimento comum de que se caracteriza nas manifestações artísticas, englobando, assim, as práticas do cotidiano, os saberes populares, modos de vida e tradições que compõe a experiência coletiva.

Nessa direção, Caune (2014) concebe que cultura é também comunicação. O autor entende que o processo de mediação cultural e informacional envolve a interpretação e a produção de sentidos por meio da comunicação, por isso, “a cultura pode ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos entre os quais a linguagem se situa em primeiro lugar” (CAUNE, 2014, p. 21). Sob esse olhar, compreendemos que a cultura é constantemente construída e partilhada por meio dos processos comunicacionais, como ele bem destaca:

A cultura é apreendida como um conjunto muito complexo e diversificado de representações e objetos, organizados por relações e valores: tradições, normas, religiões, artes etc. A transmissão de conhecimento de geração em geração, assim como a difusão dos valores e, também, dos padrões de comportamento se efetivam segundo os encadeamentos dos atos de comunicação. (CAUNE, 2014, p. 39)

Essa compreensão mais ampliada de cultura nos permite reconhecer seu papel fundamental nas relações sociais, na formação de identidades e na transmissão de saberes dos indivíduos e identificar as ações promovidas pelos lugares de mediação como o museu, que é identificado como um espaço onde a comunicação e a cultura se manifestam de diferentes maneiras.

Esse panorama acerca da cultura abre caminho e nos conduz diretamente ao conceito de Patrimônio Cultural essencial para ampliar o referencial dessa análise. O patrimônio cultural deve ser compreendido como uma construção histórica e social, marcada por disputas e escolhas. Se antes a palavra patrimônio estava associada a monumentos históricos e bens materiais, com o tempo, ela passou a abranger também o



conjunto das manifestações culturais em sua diversidade de suporte material, natural e intangível. Na condição de uma categoria aberta, tem assimilado novos conteúdos e significados como as crenças, o artesanato, a culinária, a música, a dança, o teatro, as festas, a paisagem, as tradições oral e escrita, as práticas sociais, as técnicas etc. (NOGUEIRA, 2014, p. 50)

Contudo, o autor aponta que o campo do patrimônio é permeado por tensões políticas e ideológicas, cujas escolhas sobre o que preservar ou não são seletivas e carregadas de interesses. A definição do que é patrimônio é o resultado de um processo de atribuições de sentidos que envolvem agentes, instituições e comunidades. Nessa perspectiva, o patrimônio, “em par com a memória, constitui-se palavra-chave de nossa experiência temporal contemporânea. Ambos representam um mesmo movimento: ao mesmo tempo em que são sintomas e traduzem o que somos hoje, cumprem uma função de proteção” (NOGUEIRA, 2014, p. 50)

Assim, o que se preserva e se comunica como patrimônio revela uma tentativa de enaltecimento de certos aspectos do passado, mas também firma ações sobre o presente, evidenciando memórias, identidades e representações que buscam a autenticação cultural. Ao escolher evidenciar esses elementos em seu acervo, a exposição mobiliza além de memória afetiva, a reflexão sobre o que se escolhe lembrar e preservar da história do Ceará e de seu povo.

O autor destaca também que os processos de patrimonialização determinam quais narrativas serão legitimadas como representações da memória coletiva. Assim, ao transformar elementos da cultura sertaneja em acervo museológico, a exposição não apenas conserva vestígios de um modo de vida tradicional, mas também redefine seu significado no presente, oferecendo ao público novas formas de compreender e valorizar suas expressões populares de cultura.

#### **4 METODOLOGIA**

A presente análise classifica-se, quanto a sua abordagem, como qualitativa-descritiva, utilizando-se dos métodos a análise de conteúdo e o estudo de caso para melhor explorar as camadas do objeto. Uma pesquisa qualitativa se caracteriza, sobretudo, por ser uma análise subjetiva de uma amostra de conteúdos que não podem ser mensurados numericamente, mas considera intrinsecamente o olhar do pesquisador. Assim,



O que se busca com a pesquisa qualitativa é, mediante um processo não matemático de interpretação, descobrir conceitos e relações entre dados e organizá-los em um esquema explicativo. Trata-se, portanto, de uma modalidade de pesquisa de caráter essencialmente interpretativo, em que os pesquisadores estudam coisas dentro dos contextos naturais destas, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes atribuem (GIL, 2021, p. 15)

De acordo ainda com Gil (2021) dentro da pesquisa qualitativa há diversas modalidades de pesquisa, uma delas – a que irá nos interessar aqui – é o estudo de caso que se caracteriza por ser “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2015, p. 18, in: Gil, 2021, p. 49). Nessa direção, Severino (2017) descreve também que o estudo de caso constitui uma estratégia metodológica voltada para a investigação aprofundada de uma situação específica que seja “representativo de um conjunto de casos análogos”

No caso desta pesquisa, o caso específico que estamos a explorar é a representação do vaqueiro no contexto da exposição do Museu da Cultura Cearense, visto que esse mesmo vaqueiro já foi representado em diversas manifestações culturais, na literatura, na música, e nas artes plásticas, por exemplo, mas o que nos interessa aqui é o caso específico da exposição.

Já a análise de conteúdo foi fundamental como técnica investigativa, na medida em que esta metodologia funciona como uma ferramenta para análise de dados qualitativos. Por essa razão, nos utilizamos da análise de conteúdo para observar e compreender atitudes, motivações e comportamentos de um determinado grupo de pessoas de forma contextualizada, pois, de acordo com (SEVERINO, 2017, p. 129) a análise de conteúdo é uma metodologia que “trata-se de compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações.” Concordando, pois, com Oliveira (2008) quando salienta que:

A análise de conteúdo permite o acesso a diversos conteúdos, explícitos ou não [...]. [proporciona] análise das representações sociais sobre determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana seja ela verbal ou escrita, entre outros (OLIVEIRA, 2008, p. 570)

Ou seja, buscaremos explorar a narrativa atribuída à cearensidade através dos objetos de exposição da Vaqueiros, bem como suas simbologias e “a análise do conteúdo



das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens.” (SEVERINO, 2017, p. 129). Portanto, trataremos os elementos expositivos como documentos, alinhando-nos à definição do autor Cellard (2008) que afirma ser possível considerar como documento:

tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, [...] textos escritos, mas também documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos etc. (CELLARD, 2008, p. 296-297)

Por essa definição, é possível visualizar diversos elementos da exposição “Vaqueiros” como os documentos que servirão de base para nossa análise. Assim, esses objetos, entendidos aqui como documentos que carregam significados culturais, históricos e narrativos, desempenham o papel mediador, estabelecendo conexões entre a memória coletiva e o visitante.

Essa abordagem nos permite investigar como os documentos dialogam entre si para construir uma narrativa coesa, além de compreender os sentidos que são transmitidos ao público por meio dos recursos utilizados. Dessa forma, buscamos não apenas identificar os elementos visíveis, mas também interpretar os valores e intenções implícitas à construção da exposição.

Articulando as metodologias de estudo de caso e análise de conteúdo, será possível entender os elementos da exposição, não apenas de forma isolada, mas também perceber as relações e os significados que surgem entre e por meio deles para a interpretação profunda da narrativa cultural e social que permeia a exposição “Vaqueiros”, buscando adentrar as camadas de sentidos que os objetos carregam.

Dessa forma, este artigo se reparte, estruturalmente, em 4 principais seções de texto. Na primeira sessão, abordamos a particularização histórica dos vaqueiros, o surgimento e desenvolvimento dessa atividade econômica na qual eles estavam inseridos, as características do território e o contexto sócio-político da região, até desembocar nas ressignificações dessa figura pela cultura, ajudando a conceber a cearensidade. Tudo isso sendo atravessado pelo conceito de identidade.



Já na parte dois discutimos os conceitos de mediação cultural, mediação informacional e como é possível ou como acontece a aplicação desses dois conceitos em exposições museológicas. Para executarmos, na seção quatro, a análise das peças que constituem a exposição, aprofundaremos ainda no tópico dois acerca da noção de patrimônio cultural e como um patrimônio cultural pode ser utilizado como recurso para exercer a mediação cultural e informacional.

## **5 EXPOSIÇÃO MUSEAL COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO CULTURAL: O CASO “VAQUEIROS”**

Qual a função social do museu? Qual o lugar o museu ocupa na sociedade contemporânea? Que concepção existem a respeito do museu? Existe uma ideia comumente compartilhada, construída durante muito tempo, de que os museus são espaços reservados à guarda e exibição de objetos associados a grandes figuras históricas, heroicas, dignas. E o que é digno de estar preservado e exibido em um museu?

Essa visão tradicional, da qual associa os museus a espaços neutros de preservação e exibição de objetos de grandes heróis nacionais, não é incomum. Esse modo de perceber o museu justifica-se, pois, era assim que a museologia se colocou diante da sociedade por muito tempo. No entanto, esse modelo tradicionalista vem atravessando grandes transformações conceituais desde a segunda metade do século XX, e uma nova perspectiva passou a ganhar forma, tendo em conta que,

A partir dos anos 1960 e 1970 comportamentos, tradições estabelecidas, práticas religiosas oficiais, instituições consagradas como escolas, museus, e teatros passaram a ser fortemente criticados por movimentos sociais, intelectuais, e setores da juventude. Estas críticas acompanhadas de ações e gestos concretos foram cruciais para que tradições fossem rompidas [...] e novas possibilidades de pensar e praticar museus e museologias fossem também colocadas em movimento. (CHAGAS; PRIMO; ASSUNÇÃO; STORINO, 2018, p. 76)

Esse movimento, de questionar e tensionar o caráter tradicional de instituições consagradas como o museu, desemboca em uma museologia social que se caracteriza por uma perspectiva de compreender os museus como espaços de disputa de narrativas, “como instituições sociais com agendas políticas”, com histórias plurais que representem os valores culturais de um povo. (CHAGAS; PRIMO; ASSUNÇÃO; STORINO, 2018, p. 77).



Para ilustrar essas características da museologia social, os autores citam os exemplos pioneiros no Brasil dessa abordagem, são os trabalhos desenvolvidos por Nise da Silveira no Museu de Imagens do Inconsciente, Darcy Ribeiro no Museu do Índio e por Abdias do Nascimento no projeto do Museu de Arte Negra, diferentes temas que convergem na busca pela valorização de sujeitos e memórias historicamente marginalizados.

Coerente com o pensamento da museologia social, o MCC se caracteriza por ser um museu etnográfico cujo um de seus principais objetivos pedagógicos é “promover a formação de um público crítico, tendo como elemento de reflexão a diversidade do patrimônio cultural do Ceará, considerando as especificidades dos visitantes” (SANTOS, 2012)<sup>4</sup>.

## 5.1 A exposição

Nesse sentido, o Museu da Cultura Cearense também exemplifica essa abordagem da museologia social ao decidir valorizar histórias e vivências do sertão nordestino, região igualmente marginalizada diante do restante do país. Neste espaço, o público visitante encontra uma mostra que enaltece o vaqueiro, seu território, suas práticas, sua história e sua memória.

A exposição Vaqueiros está em cartaz desde 1999, está localizada no Museu da Cultura Cearense (MCC), equipamento que integra o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, um dos pontos turísticos mais importante de Fortaleza. A mostra de longa duração tem como proposta central valorizar e dar visibilidade à figura do vaqueiro como um dos principais símbolos de identidade cultural cearense.

De uma maneira muito sensível e respeitosa, o espaço é composto por um conjunto diverso de peças que recriam o universo simbólico e material sertanejo. Com uma combinação de recursos audiovisuais, fotografias, painéis e instalações interativas a exposição procura reconstruir aspectos do cotidiano, dos rituais e dos saberes tradicionais ligados à figura do vaqueiro no sertão nordestino em meio ao ambiente urbano da capital cearense.

---

<sup>4</sup> SANTOS, Núbia Agustinha C. Ação Educativa do Memorial da Cultura Cearense – MCC. In: SANTOS, Núbia Agustinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (org.). **Exposição vaqueiros: caminhos para a reflexão**. Fortaleza: IACC, 2012. p. 8.

Também integram o acervo vestimentas tradicionais de couro, utensílios domésticos e de trabalho, como selas, marcas de ferrar, chicotes, carros de boi e móveis em couro. A ambientação é completada por elementos audiovisuais, como o som do aboio e vídeos de vaquejada, além de referências às festas populares e à religiosidade, representadas por máscaras de reisado e imagens de santos. Retratos de vaqueiros e vaqueiras, imagens da vegetação da caatinga e instalações que simulam espaços típicos do sertão, como casas de ferreiro, seleiro e vaqueiro, também compõem o conjunto expositivo.

O projeto curatorial de Margarida Hernandez apresenta como premissa a concepção de que os vaqueiros integram o imaginário popular do Ceará e expressa modos próprios de vida, trabalho e relação com o ambiente. Todos esses itens materializam tanto o modo de vida sertaneja e as práticas dos vaqueiros, como também se configuram como expressões simbólicas de memória e identidade que, nesse ambiente assumem então a posição de patrimônio cultural.

Imagem 1: ambiente



Fonte: capturado pela autora

Para além de uma simples exibição de objetos, ela proporciona uma imersão sensorial e cultural onde integra o público ao universo dos vaqueiros. Não será possível



reproduzir aqui nessas páginas, mas a exposição também apresenta a casa do patrão, do dono das terras, mostrando ao visitante esse contraste social, evidenciando as desigualdades entre as classes sociais do sertão. Enquanto as instalações do vaqueiro revelam um espaço modesto e de poucos espaços, a casa do patrão é ampla, com elementos que indicam um certo conforto, acesso a bens materiais de distinção econômica.

No entanto, apesar desse maior espaço físico e melhores instalações, ainda assim, é possível observar que ela também não possui muitos móveis, pois está refletindo um modo de vida ainda marcado pelas limitações do contexto rural da época, em que o acesso a bens era restrito, mesmo entre os mais abastados. Essa escassez de mobiliário torna evidente que, embora houvesse distinções sociais claras, a vida no sertão impunha suas condições mesmo às camadas dominantes, ainda que em graus distintos. Ao colocar esses espaços lado a lado, a exposição propicia uma reflexão crítica sobre desigualdades sociais e perpetuação de certas estruturas sociais na atualidade, ampliando o potencial formativo e político da mediação.

A oficina do celeiro transmite a tradição do trabalho artesanal de confecção de artigos de couro essenciais à sua lida, como selas, gibão, arreios e chapéus. Essas peças de couro têm significância central na vida sertaneja, tanto pela adequação à vegetação da caatinga quanto pela resistência simbólica que essas vestimentas passaram a ter. Como pode ser percebido na foto da vitrine de chapéus de couro, ao fundo, vemos também um mural com retratos de vários homens usando esses chapéus. O couro, mais uma vez, aparece como elemento identitário, associado à resistência e à estética nordestina, sugerindo uma valorização desses objetos, transformando-os em patrimônio cultural.

Imagem 2: vitrine com peças de couro



Fonte: capturado pela autora

Cunha; Nobre (2012) analisaram os livros de opiniões, que são escritas pelos visitantes, de 1999 e 2009, ano de abertura e quando se comemorou 10 anos de exposição. Nesses relatos fica evidente que é por meio dessa experiência sensorial que o visitante é impactado. Trago aqui para este texto apenas um dos exemplos selecionado pelos autores: *“(...) Moro em São Paulo. Meus pais são nordestinos. Meu pai foi vaqueiro quando moço. Realmente a emoção tomou conta do meu ser; tive que conter as lágrimas. Perante os objetos os sons. Enfim, tudo que vi e ouvi tocou fundo minha alma(...)”*

Esse testemunho indica como a mediação é capaz de mobilizar afetos, memórias e estabelecer vínculos identitários profundos. Não se trata, portanto, de uma ação puramente de transmissão de informações, mas de “múltiplas produções sógnicas, infocomunicacionais e semióticas; construções de sentidos que – ainda que inapreensíveis, porque fugazes e efêmeros – são produções de informação e de conhecimentos recíprocos.” (FEITOSA, 2016, p. 105)

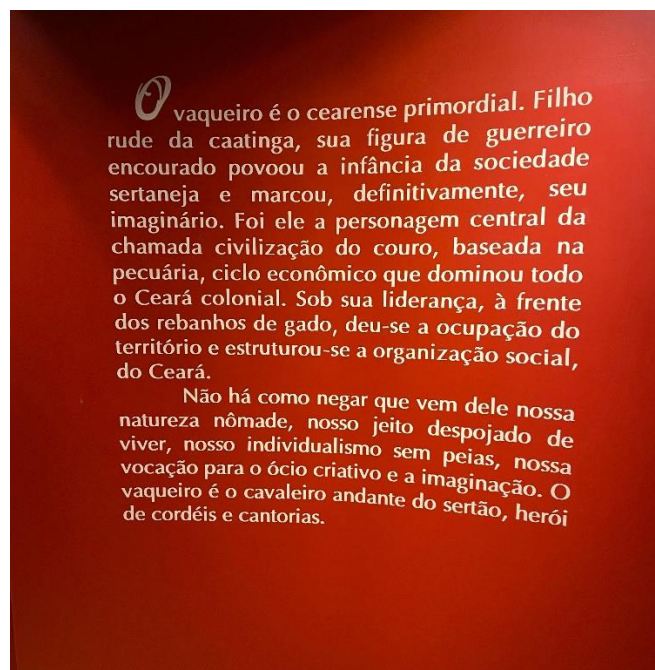
Nessa perspectiva, Cunha e Nobre (2012, p.14) pontuam que “a rememoração da infância, a lembrança da casa dos avós, o orgulho de pertencer a esta cultura e a saudade do sertão levaram muitos visitantes a derramar lágrimas”. Tais recursos permitem compreender que a exposição, ao articular elementos materiais e simbólicos de uma

cultura, configura nela própria um território abundante de mediação da informação pela cultura.

### 5.1.1 Dimensão dialógica

Todos esses elementos formam e ajudam o público a reconhecer o vaqueiro como personagem simbólico na história e cultura cearense. As referências culturais das festividades, da religiosidade, os artesanatos, os saberes, as emoções e a própria prática da cria dos bois dão subsídios para o público visitante reconhecer o contexto social onde surgiram esses costumes e a relação deles com o sertão cearense e nordestino.

Imagem 3: o cearense primordial



Fonte: imagem capturada pela autora

A dimensão dialógica pode ser identificada na Vaqueiros quando ocorre o encontro entre o visitante e a cultura ali representada, promovendo uma interação simbólica entre passado e presente, entre o eu e o outro, entre o vivido e o exposto. Ao pontuar seu envolvimento pessoal e sentimental, o relato do visitante destacado no tópico anterior extraído da coletânea “Exposição vaqueiros: caminhos para a reflexão”, nos mostra como



a exposição cria um espaço onde memórias individuais e coletivas se entrelaçam, promovendo assim reflexão e identificação.

Quando o visitante traz sua própria vivência ou memória para o encontro com o conteúdo exposto estabelece-se

O processo cooperativo e de 'trocas' objetivas e subjetivas também capaz de fazer com que seja acionada no sujeito desse processo o que Vygotsky (1998, 2001, 2003, 2003) denominou de zona de desenvolvimento proximal, entendida como uma instância potencializadora do desenvolvimento interior e da construção de sentidos, o que é imprescindível à apropriação da informação. (GOMES, 2014, p. 48)

Um exemplo disso é o depoimento registrado no livro de opiniões da exposição<sup>5</sup> no qual o visitante não apenas absorve a informação, mas a relaciona à sua própria história de vida, demonstrando uma resposta emocional resultante do diálogo entre sujeito e acervo. Desse modo, a dimensão dialógica é exercida na Vaqueiros quando acolhe diferentes olhares e interpretações, permitindo que o público participe ativamente da construção de sentidos, e não apenas receba passivamente a informação apresentada.

### 5.1.2 Dimensão estética

A dimensão estética da mediação da informação se manifesta na maneira como os elementos visuais, sonoros e espaciais são articulados, no percurso expositivo da Vaqueiros, para provocar no visitante uma experiência sensível e transformadora. A ambiência bem montada não apenas comunica algo, mas convida o público a ampliar a própria compreensão a respeito dessa cultura. Nesse sentido, a respeito da dimensão estética da mediação da informação, Gomes (2014) indica que

A liberdade do movimento em direção ao conhecer, o prazer e o sentido do belo que se alcança na conquista da autonomia, traduzem uma estética que também se associa à estética dos próprios ambientes [...] que precisam ser compreendidos como ambientes estéticos, nos quais, e por meio dos quais, se estabelece a interlocução entre sujeitos que se expressam a partir de distintos lugares e perspectivas sócio-culturais. (GOMES, 2014, p. 51-52)

Trata-se, portanto, de uma mediação que opera também no plano sensível, despertando o prazer estético e favorecendo a recriação subjetiva dos visitantes diante das

---

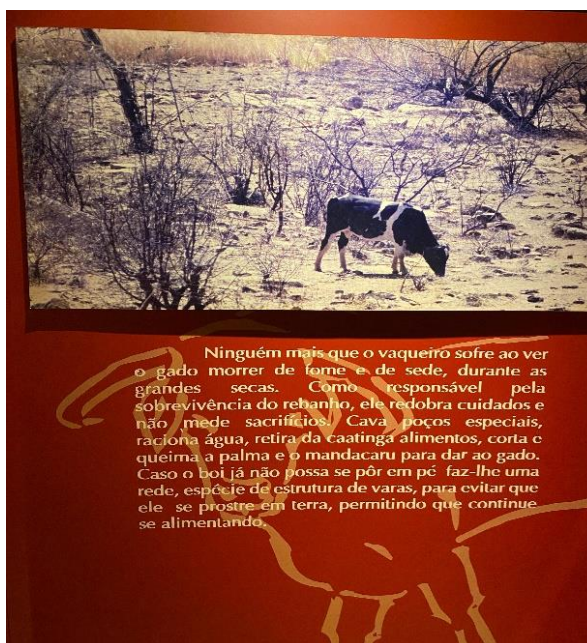
<sup>5</sup> Ver em: SANTOS, Núbia Agustinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (org.). **Exposição vaqueiros: caminhos para a reflexão**. Fortaleza: IACC, 2012. 80 p., [14] lâminas: il. color. (Coleção memorial da cultura cearense: série cadernos de mediação; 1). ISBN 978-85-62348-03-7.

narrativas ali apresentadas. As imagens da caatinga, os retratos, os sons, enfim, cada objeto compõe um lugar que estimula a reflexão crítica, cada objeto à mostra tem sua finalidade.

### 5.1.3 Dimensão formativa

Ao exibir a dicotomia entre a casa do patrão e a casa do vaqueiro, as vestimentas do senhor das terras e as dos sertanejos, a experiência da visita ultrapassa a simples contemplação dos objetos, nesse instante, o visitante é provocado a refletir sobre a realidade social e histórica dos sujeitos retratados. De acordo com Gomes (2014) a dimensão formativa se manifesta quando a mediação proporciona ao público oportunidades de reconhecimento de contextos históricos e promove a ampliação do olhar sobre as questões apresentadas.

Imagem 4: imagens da caatinga



Fonte: capturado pela autora

Por isso, “o ser humano enquanto sujeito que significa e ressignifica constantemente suas ações, encontra-se em processo permanente de formação, o que o coloca no sentimento de incomodo e de tensionamento constantes.” (GOMES, 2014, p. 54). Nesse

aspecto, a exposição Vaqueiros atua como catalisadora de aprendizagens que transcendem o conteúdo expositivo e reverberam nos processos de formação identitária.

#### 5.1.4 Dimensão ética

A dimensão ética está também presente na capacidade que a exposição tem de despertar o orgulho dos visitantes ao pertencer, pois ela valida e dignifica memórias que muitas vezes são marginalizadas, demonstrando compromisso com a valorização da identidade cultural dos vaqueiros.

Ao representá-los com sensibilidade, a exposição contribui para que os visitantes reconheçam a dignidade desses sujeitos e desenvolvam empatia frente a um universo muitas vezes ignorado pelas narrativas hegemônicas, pois para efetivar a dimensão ética da mediação da informação:

é preciso acolher o outro e ser receptivo com o diferente, pois as ações de mediação da informação realizadas em favor do livre pensar e do livre expressar exigem abertura para o processo dialético que é convocado no encontro das contradições constitutivas dos fenômenos. (JESUS; GOMES, 2021, p. 7)

Imagem 5: a roupa do vaqueiro



Fonte: capturado pela autora

Com isso, o espaço expositivo se torna também um espaço de cuidado com a história dos sujeitos. A dimensão ética, nesse contexto, está presente tanto na escolha dos conteúdos quanto na forma como eles são apresentados, garantindo um ambiente em que diferentes públicos possam se sentir respeitados, tocados e mobilizados, fortalecendo a escuta e a sensibilidade social.

### 5.1.5 Dimensão política

Por fim, a dimensão política da mediação se revela na própria escolha de tematizar o sertão e os vaqueiros, sujeitos esses muitas vezes invisibilizados nas grandes narrativas nacionais. Ao permitir que visitantes de diversas regiões do país se sintam representados, comovidos, sensibilizados, mexidos ou encenados, a exposição promove uma ação política de decidir incluir uma história pouco evidenciada e uma sensação de reparação simbólica.

Nesse sentido, a dimensão política da mediação se concretiza quando “os envolvidos na ação mediadora tomam consciência de si e da sua realidade, o que favorece a compreensão da condição social de todos e o potencial de se transformarem em protagonistas sociais.” (JESUS; GOMES, 2021, p. 8)

Imagem 6: painel de fotografias



Fonte: capturado pela autora

Ao retirar os vaqueiros da condição de personagens secundários da história e apresentá-los como protagonistas de um modo de vida marcado por resistência, trabalho e



cultura própria, a exposição rompe com a suposta neutralidade informacional e instiga o visitante a refletir sobre desigualdades e o papel da cultura na construção dos indivíduos de uma dada comunidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em junho de 2025, o MCC promoveu um significativo encontro entre a senhora Dina Vaqueira, Mestre da Cultura Popular<sup>6</sup> do estado do Ceará, e um grupo de estudantes da rede pública de ensino básico. A notícia dessa ação, publicada na página do Instagram do museu, menciona que na ocasião, a mestra compartilhou seus saberes e vivências sobre o sertão nordestino aos jovens, oferecendo a eles um momento de compartilhamento não apenas de informações, mas de experiências sensíveis e enraizadas nas tradições do povo sertanejo, “conduzindo uma mediação potente por meio da oralidade, do aboio e da sua vivência como mulher vaqueira.”<sup>7</sup>

Atividades como essa mostram como a exposição não está estática no tempo, e se colocam como fundamentais para manter a exposição atualizada e dinâmica, especialmente porque a Vaqueiros se propõe a dialogar com diferentes públicos e realidades sociais, tendo em vista o próprio local onde ela está instalada, lugar de grande circulação e visitação turística. Nesse sentido, a pesquisa contribui para refletir sobre a mediação cultural em instituições museológicas e seus impactos na construção de identidades regionais.

Foi destacado esse exemplo, mas vale ressaltar que essa ação é apenas uma entre as diversas atividades educativas promovidas pelo MCC. Ações estas que contribuem para torná-lo um espaço cada vez mais participativo e em constante transformação. A partir da análise da exposição, foi possível compreender como a figura do vaqueiro é mobilizada como símbolo da identidade cearense e como a mediação vai promovendo, nesse cenário, encontros que valorizam os símbolos culturais do Ceará.

---

<sup>6</sup> A Lei Estadual nº 13.351 de 22.08.2003 estabelece que "Será considerado como Mestre da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará e, para tanto Tesouro Vivo, [...] a pessoa natural que tenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de uma comunidade estabelecida no Estado do Ceará."

<sup>7</sup> Aspas copiada do texto da legenda da postagem do Instagram.

Tal como foi apresentado no tópico dois deste trabalho, o vaqueiro, figura histórica de grande importância para a formação social e econômica do Ceará, está presente na região desde o período colonial. Observou-se que sua atuação no sertão nordestino foi fundamental no desenvolvimento da pecuária e na ocupação do interior do estado. Com o tempo, essa figura foi se deslocando do campo funcional para também ocupar o campo simbólico, adquirindo novos significados e sendo ressignificado como expressão da cultura popular cearense.

A exposição Vaqueiros, portanto, entra para a esfera das artes que, ao incorporar elementos e articular narrativas que valorizam as práticas do mítico vaqueiro, contribui para a assimilação desse processo simbólico. Por meio da mediação, essas representações podem dialogar com os visitantes, promovendo reconhecimento de si, pertencimento e continuidade cultural.

O MCC se reinventa continuamente ao articular tradição e contemporaneidade. Diante disso, é válido refletir constantemente sobre o potencial dos museus como espaços de construção coletiva de conhecimento, capazes de estreitar vínculos entre memória, educação e identidade. Por esse motivo, interessa, em estudos futuros, voltar-se sobre os impactos dessas práticas de mediação cultural junto ao público, analisando as contribuições de tais ações para uma formação crítica e cidadã, bem como a preservação de patrimônios imateriais em contextos museológicos contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes.**

São Paulo: Cortez Editora, 2021. E-book. ISBN 9786555551464. Disponível em:

<https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555551464/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

CEARÁ. **Lei nº 13.351, de 22 de agosto de 2003.** Institui o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará (RMCTP-CE) e dá outras providências.

*Diário Oficial do Estado do Ceará*, Fortaleza, 25 ago. 2003. Disponível em:

<https://shre.ink/xp52>. Acesso em: 16 jul. 2025.



---

CELLARD, André. A análise documental. In: J. Poupart, et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes.

CHAGAS, Mario; PRIMO, Judite; ASSUNÇÃO, Paula; STORINO, Claudia. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 11, vol. 55, p. 73-102, 2018.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 208 p.

FARIAS, Airtton de. **História do Ceará**. 7. ed. rev. e ampl. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 98-117, jan./jun. 2016.

GALENO, Juvenal. **Lendas e canções populares**. 5. ed. Organizado por Raymundo Netto. Fortaleza: Secult, 2010, p. 83. (Coleção Nossa Cultura). ISBN 978-85-7563-622-0.

GIL, Antonio C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Atlas, 2021. E-book. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770496/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 46–59, 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n2p46. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 18 jul. 2025.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis. Vozes. 2014.

JESUS, Ingrid Paixão de; GOMES, Henriette Ferreira. Dimensões da mediação da informação e suas contribuições para a formação do mediador da leitura: aproximações teóricas e empíricas. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da**

---



---

informação, v. 26, p. 1-24, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.e83369>. Acesso em: 17 maio 2025.

LIPINSKI, Barbara; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Mediação cultural em centros culturais: uma análise da exposição "Egito Antigo: do cotidiano à eternidade do Centro Cultural Banco do Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, p. 01-16, 2022. n. esp. IV Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação (EPIM)

LOPEZ, Gabriela Lima. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, v. 1, n. 1, p. 45-50, ago./dez. 1999.

NASCIMENTO, Lucileide Gomes do. **Bibliotecas comunitárias, mediação cultural e literária**. 2024. 129 p. Dissertação de mestrado — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

NEVES, Frederico de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide et al. **Uma nova história do Ceará**. 4. ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015, p.77.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação. **Antíteses**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 45–67, 2014. DOI: 10.5433/1984-3356.2014v7n14p45. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/19969>. Acesso em: 18 jul. 2025.

NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Por uma episteme mediacional na Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.10, n.2, ago./dez. 2017.

NUNES, Ticiane Rodrigues. **Língua(gem) e cultura**: um estudo etnográfico dos compôs lexicais de vaqueiros do Ceará, 2018. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) -



---

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza, 2018.

PORDEUS JÚNIOR, Ismael de Andrade. Cearensidade. In: CARVALHO, Gilmar de (org.). **Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004. 178 p.

ROLIM, Leonardo Cândido. **Tempos das carnes no Siará Grande: dinâmica social, produção e comércio de carnes secas na Vila de Santa Cruz do Aracati (c.1690-c.1802)**, 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História do centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2012.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. E-book. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788524925207/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SHIMIZU, Carina Kotani. **Mediação informacional e cultural em museus e exposições: reflexões sobre teoria e prática pela visão dos profissionais de mediação**, 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, Carlos Robson da; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Mediação cultural da informação: por uma relação entre informação, cultura e mediação na produção de sentidos e significados sobre o real. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 237-251, jul. 2023. DOI: 10.36517/2525-3468.ip.v8iesp.2023.89241.237-251.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis. Vozes. 2014.

